

A N Á L I S E

CAPÍTULO - II

Não vou, não sei para onde,
mas só sei que não vou.
Não quero saber se lá existe
ou se deixa de existir
aquilo do que estou atrás,
porque na verdade
eu não procuro nada.

Não adianta chamar ou gritar.
Não tenho nome e nem ouço;
também não falo e não vejo.
A merda, pois, todas as coisas.
Se o mundo fôsse igual para todos
eu não estaria aqui
e nem tão pouco ali.
Encontrar-me-ia aquém de tudo,
aquém do próprio mundo,
fezes do gigante Universo.

Eu digo coisas e não sei o que digo.
Asneiras, besteiras, verdades, mentiras.
Descargas do meu subconsciente
sujo de 22 anos e sujo permanecerá,
que não sou eu que vou limpar
sujeira que eu não fiz.

A música é o que me interessa
e nada mais além do que.
Não, talvez também, meu cabelo comprido,
abagunçado, atentado contra alguém
a quem eu não inspiro nada,
a quem não me quer trazer nada,
muito menos amor.

E eu não quero nada,
apenas me jogar da janela
que permanece fechada
e sentir o espaço à minha volta.
E eu caindo, caindo, infinitamente
e ouvindo vozes que se distanciam,
gritando, gritando
alguma coisa que eu não entendo
e que não quero entender.

E de repente estou só.
Não ouço mais as vozes.
Vou caindo e, ao cair,
passo por mundos que eu desconhecia
e que continuo a desconhecer
porque eu nada nêles compreendo.
A minha mente está fechada.
Eu apenas sinto meu peito rasgar-se.
E eu olho-o e nêle vejo
o coração, as veias e outros órgãos
que me são estranhos,
e sangue, muito sangue também.

Então eu sou feliz.
Continuo caindo e sorrindo.
E eu canto, e eu choro.
Eu grito meu nome que não tenho
que ecôa nas paredes
do espaço vazio,
cheio de mundos que eu não entendo
e que por mais que me esforce
eu sei, que nunca os entenderei.

Mas os caminhos me são longos
e as rosas me são de espinhos.
Mas, o importante de tudo isto,
é que nunca chegarei
porque nunca partirei.

8/5/71